

## LETRAMENTOS E GÊNEROS DISCURSIVOS: COMO PENSAR NO ENSINO DOS SUJEITOS SURDOS?

Francisco Ebson Gomes-Sousa (1); Rosângela Ívina Araújo dos Santos (1); Vicente de Lima-Neto (4)

*Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: [ebsongomess@gmail.com](mailto:ebsongomess@gmail.com)*

*Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: [rosangela.ivina\\_51@hotmail.com](mailto:rosangela.ivina_51@hotmail.com)*

*Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: [vicente.neto@ufersa.edu.br](mailto:vicente.neto@ufersa.edu.br)*

**Resumo:** Pautados nas perspectivas de Bakhtin ([1953] 2011), compreendemos que não há comunicação que não seja por meio de gêneros discursivos e, portanto não somente é arregrado a uma língua em específico. No caso da pessoa surda, as línguas – de sinais e portuguesa – compartilham o mesmo espaço e tempo nas diferentes esferas de atividade e que possuem forças socioculturais e ideológicas assimétricas. Dessa forma, este artigo tem como objetivo investigar como se dá o uso e o reconhecimento dos gêneros discursivos a partir de práticas de (multi) letramentos por parte dos sujeitos surdos da cidade de Caraúbas – RN. Nossa base teórica utilizada é de Bakhtin (2011), para a compreensão de gêneros discursivos; Rojo (2012) sobre a pedagogia dos multiletramentos; e Quadros (2004) sobre a língua de sinais e sua estrutura. Para atingirmos o nosso objetivo, fizemos uso de metodologia descritiva-exploratória na investigação sobre os gêneros, como a comunidade surda reconhece e usa, para assim pensarmos no ensino para essa comunidade, que está inserida nos espaços escolares, mas ainda são nebulosos os procedimentos de ensino para ela. Os resultados, ainda incipientes, apontam para um leque de gêneros reconhecidos e usados pela comunidade surda estudada. Dessa forma, percebemos que, nesse processo gradativo de constantes letramentos e multiletramentos, a recorrência de gêneros que são associados aos aspectos sociais e culturais mostram neste trabalho, reflexos – por mais que iniciais – de como podemos pensar no ensino dos sujeitos surdos, levando em conta os aspectos sociais e linguísticos desse povo, em consideração a multiculturalidade sempre existente nos espaços escolares.

Palavras-chave: Gêneros discursivos, multiletramentos, surdos.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultante das discussões iniciadas na disciplina de Multiletramentos, Novas Tecnologias e Ensino, do Mestrado em Ensino (POSENSINO) – UERN, UFERSA e IFRN – tendo como objetivo, investigar como se dá o reconhecimento e uso de gêneros discursivos adotados pelos indivíduos que fazem parte da comunidade surda de Caraúbas – RN, pensando dessa forma em como podemos refletir o ensino para essa população específica em nossas salas de aula.

Ao pensarmos no estudo dos gêneros, vemos que eles são vistos hoje em diferentes áreas, e são indispensáveis para comunicação e circulação de uma língua, pois possuem intrinsecamente contidas neles aspectos socioculturais de um povo. Pensar neste fato, também é se dar conta das novas concepções do que seriam as pessoas alfabetizadas, letradas, e dentre outras. É perceber as

especificidades dos sujeitos atuais, principalmente quando falamos da comunidade surda, sendo os participantes dessa os nossos sujeitos da pesquisa.

Dessa forma, o trabalho será desenvolvido em torno de estudos e discussões embasadas nos conceitos de gêneros e letramentos ora apontados em várias literaturas, adaptando-os para um olhar sobre a comunidade surda, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o seu convívio em solo majoritariamente repleto por Língua Portuguesa (LP). Tendo em vista que estes muitas vezes são ainda subjugados por uma cultura que os diz como incapazes, em que muitos casos apenas há uma visão estereotipada, preconceituosa e não articulada.

Pressupomos assim, que as práticas de (multi) letramentos apresentadas pelos sujeitos nessa pesquisa nos dão norte para pensarmos nas diferenças culturais em nossa sala hoje, não subjugando, mas elaborando métodos que possamos pensar no ensino focalizando aqui nosso olhar aos sujeitos surdos.

## **2. A PRÁTICA SOCIAL E OS MULTILETRAMENTOS**

Dentro de uma concepção mais tradicional - apesar de sua circulação recente - de que letramento é apenas visto como a leitura e a escrita, vamos muito além da concepção de alfabetização aqui no trabalho exposto. Como podemos observar nas palavras de Soares (2003, p. 3), “letrar é [...] ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura façam parte da vida do aluno”. Dessa forma, dentro dessa concepção, seria letrada a pessoa que se utiliza da leitura e da escrita para a sua prática social.

Entretanto, por mais que as terminologias e teorias conceituais tenham sido criadas em um meio educacional em que se assume e admite em alguns casos, entrelaçam-se às práticas institucionalizadas escolares. Para além desse pensamento, vemos, nos recentes estudos sobre as novas perspectivas de letramentos, que estas estão em constante mudança e se adequando cada vez mais ao que temos em nossa sociedade, fazendo com que a compreendamos como uma concepção muito mais abrangente, como mostram os estudos de Street (1995).

Assim como também Barton e Hamilton (2007, p. 8), por exemplo, já entendem que deve o “letramento ser melhor entendido como um conjunto de práticas sociais, as quais podem ser inferidas de eventos que são mediados por textos escritos”, entendemos, com eles, que o conceito seja ampliado para outros segmentos antes mesmo não pensados.

Pensarmos hoje nas práticas discursivas variadas que temos, como o simples fato de estarmos usando um equipamento tecnológico como o computador para mostrarmos essa pesquisa, por exemplo, nos permite perceber que precisamos executar uma série de mecanismos para a

produção do texto na máquina, assim como outros processos que realizamos no nosso dia a dia. Tendo em vista os elementos expostos, vamos muito além de processos de escrita, não sendo o único modo semiótico em que primeiro foi pensado o conceito de letramento.

Passamos a conceber diferentes sistemas semióticos, além do linguístico, como o visual, o sonoro, o auditivo, o espacial, o gestual, que estão desde a mídia, a internet, nas ruas, no nosso constante agir. Assim, dentro das nossas práticas sociais, como afirma Rojo (2012), pensar em multiletramentos, é perceber que temos multiplicidades tanto em nossas manifestações culturais, como também nas nossas formas de “ler” o mundo, e as divide em dois pontos: primeiramente nos mostra a multiplicidade de culturas - que significa que as produções letradas culturais em nossa sociedade não são puras, apontam para uma desterritorialização de sentidos, ideologias, crenças e valores que se amalgamam em práticas discursivas variadas; E o segundo ponto é da multiplicidade semiótica de constituição dos textos - que apontam para a circulação e consumo de textos multimodais, os quais podem apresentar em sua constituição, diferentes sistemas semióticos para representar significados.

Na cultura surda aqui compreendida e melhor apresentada no item 4, percebemos uma intensa relação entre culturas e produções textuais (a cultura ouvinte, a cultura surda, a produção em Língua Portuguesa escrita, a produção em LIBRAS e outras) que (re)existem nos mais diversos meios de circulação, não sendo diferente da escola, como espaço reservado por direito a todos(as). Assim, queremos realizar essa análise com a comunidade surda local para que possamos dar indícios para pensarmos em uma pedagogia dos multiletramentos (ROJO, 2012).

Dessa forma, o pensamento acerca dos multiletramentos no contexto atual pode ser visualizado pelos diversos gêneros discursivos que são usados nos processos de interação que são pertinentes a todas as pessoas. Mas, no caso da pessoa surda, há diferença nesse sentido? Como os mesmos entendem essa relação das produções textuais e as práticas sociais? Veremos a seguir qual a concepção de gêneros que adotamos.

### **3. OS GÊNEROS DISCURSIVOS**

No processo comunicativo, fazemos uso de diversos mecanismos que nos possibilitam um entendimento eficaz nas mais diversas situações e contextos enfrentados. Em sua obra, Bakhtin (1997) denomina esses mecanismos de gêneros e, neste trabalho, adotamos a sua concepção de que estes são os mecanismos pelos quais interagimos socialmente.

No momento em que estamos inseridos no meio social, somos cobrados para que saibamos agir corretamente por meio dos diferentes gêneros, em suas diversas situações comunicativas. Essa

cobrança advém da sociedade letrada e, a partir do momento em que não somos capazes de realizar essa produção textual de maneira eficaz, sofremos estigmas por parte daqueles que não compreendem as diversas formas de comunicação que permeiam os indivíduos – em sua concepção - não letrados, instaurando assim o preconceito e a desvalorização desses sujeitos.

Para compreendermos então os gêneros e seu papel social, dialogamos com Bakhtin (1997, p. 280):

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Logo, é possível compreendermos que, em nossas situações comunicativas, estamos fazemos uso da língua, seja em sua modalidade oral ou escrita, através dos gêneros discursivos, que se realizam em diversos campos de nossa vida, sobretudo, em nosso cotidiano, sendo esse o meio de interação nas situações formais ou informais. Desse modo, os gêneros passam a estarem presentes e em uso por intermédio das práticas sociais.

Para que tenhamos acesso ao conhecimento acerca dos diversos gêneros e as situações comunicativas que lhe cabem, é necessário abordá-los dentro do meio escolar enquanto objeto de estudo, tendo em vista o ensino-aprendizagem do mesmo, buscando seu reconhecimento e domínio por parte dos sujeitos. Desse modo, de acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p.172), “o trabalho sobre os gêneros dota os alunos de meios de análise das condições sociais efetivas de produção e de recepção dos textos.”

Diante das abordagens acima, refletiremos sobre como os sujeitos surdos (sujeitos de nossa pesquisa) reconhecem e agem por meio dos gêneros, sabendo que, muitos deles, tiveram déficit em sua educação e fazem uso de um sistema linguístico diferente da comunidade ouvinte, porém, embora a língua utilizada seja outra, a língua portuguesa é intrínseca ao o meio em que vivem, então suas interações sociais são vinculadas ao nosso sistema de escrita. Portanto, é de suma importância voltarmos nossa atenção para essas realizações, buscando compreender e contribuir com a aprendizagem, o letramento, e as interações sociais desses sujeitos. Para isso, faz-se necessário conhecer seu sistema linguístico e a cultura a qual estão inseridos.

#### **4. A COMUNIDADE SURDA**

Comunidade é um substantivo feminino que significa “estado do que é comum; paridade; comunhão, identidade: comunidade de sentimentos” para o Dicionário Online de Português<sup>1</sup>. O que

---

<sup>1</sup> <https://www.dicio.com.br/>

difere a comunidade surda de outras comunidades nada mais é do que a língua que é utilizada, que reflete diretamente sua cultura, história e costumes.

Para Quadros (2004), “língua é um sistema de signos compartilhado por uma comunidade linguística comum”, no Brasil temos duas línguas tidas como oficiais que são a Língua Portuguesa (LP) e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). A diferença entre elas, segundo Quadros (2004), é que uma é oral-escrita, e a outra é visual-espacial, respectivamente. Cada usuário das referentes línguas constrói de formas diferentes sua identidade, a partir de qual língua fora utilizada desde a fase de aquisição da mesma.

A LIBRAS é um dos elementos cruciais que definem a cultura surda. Para compreendermos a cultura, nos valem de uma reflexão de Strobel (2008), que diz:

A cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas (STROBEL, 2008, p.19)

Percebemos que língua e cultura são intrínsecas para definir-se uma identidade. A cultura surda é caracterizada primordialmente pela LIBRAS, assim também como a vida social, esportiva, artística, entre outros aspectos das pessoas surdas. A história dos surdos, seus sofrimentos, lutas e conquistas, mostram a pertinência que há em manter-se unidos, construindo sua própria identidade, interagindo com sua e demais comunidades, até mesmo como forma de mostrar resistência.

## 5. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos utilizados na realização de nossa pesquisa de cunho qualitativo (GOLDENBERG, 1997), tem como objetivo identificar o uso e o reconhecimento dos gêneros textuais por parte dos sujeitos surdos. Haja vista considerada como exploratória, na tangente que objetiva “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 35), escolhemos os sujeitos pertencentes à comunidade surda de Caraúbas/RN. Tanto os surdos naturais desta cidade como também de novos integrantes dessa comunidade.

Utilizamos questionários como instrumento de coleta de dados, compreendidos por Silva e Menezes (2001, p. 33) como “uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante”. Nosso corpus, portanto, é constituído por quatro questionários respondidos de um universo de mais de 25 surdos (dados não oficiais) na cidade de Caraúbas-RN, e eles foram nomeados pelas siglas **S1** (homem, com ensino médio completo), **S2** (mulher, mestre), **S3** (mulher, mestranda) e **S4** (mulher especialista), em que “S” significa sujeito.

Após a aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), termo esse que garante o sigilo de suas identidades, foi aplicado o questionário, que dividimos em duas partes: a primeira sobre a formação, gênero, fluência em LIBRAS, fluência em LP, assim como a importância da língua de sinais para eles; na segunda parte foi voltada aos gêneros textuais e formas de percebermos letramentos.

Para atender à investigação das hipóteses levantadas ao início de nosso trabalho, formulamos e aplicamos na segunda parte do questionário contendo 6 (seis) questões, sendo elas fechadas, abertas e outras mais lúdicas/didáticas. Optamos por trabalhar com os gêneros (escritos e orais) que são mais recorrentes. Em que escolhemos: 1. Bula de remédio; 2. Receita; 3. Lista de compras; 4. Placas; 5. Palestra; 6. Carta; 7. Bilhete; 8. Curriculum Vitae; 9. Manual de instruções; 10. Piada.

Após o questionário respondido, fizemos a comparação entre as resoluções dos sujeitos no que concerne ao uso/reconhecimento de gêneros textuais e práticas de letramentos. Nossa atenção esteve mais voltada à parte de reconhecimento de gêneros (6 e 7 da primeira parte), e o restante voltado a práticas de letramentos, por meio de gêneros textuais. Fizemos tabelas com 4 colunas correspondentes as respostas dos sujeitos, em que tratamos as respostas correspondentes às questões, que será melhor detalhado no item 6.4, já na análise de dados.

## **6. ANÁLISE DOS DADOS**

A partir das análises feitas pelos sujeitos surdos, identificamos a divergências e similaridades entre as respostas obtidas com os questionários, possibilitando-nos perceber como se dão as práticas de multiletramentos adotadas por essa comunidade. Para atingir esse propósito, a análise foi dividida em blocos de acordo com o questionário aplicado. No primeiro subtópico da análise, temos o perfil dos sujeitos (questões 1, 2, 3, 4 e 5); o reconhecimento de gêneros textuais e conceituação (questões 6 e 7) sendo o segundo bloco; já o terceiro (questões 1, 2, 3, 4 da segunda parte do questionário), utilizamos de estratégias para o reconhecimento do gênero bilhete e seus aspectos; e o último subtópico (questão 5) sobre a compreensão de gêneros diversos (item 5.2).

### **6.1. Bloco 1: Perfil dos sujeitos**

As cinco primeiras perguntas se destinavam a traçar um perfil do sujeito, assim sendo perguntado: 1 - Qual a sua formação?; 2 - Eu sou... (referente ao gênero); 3 - Você considera a sua

fluência em LIBRAS como?; 4 - Sabe ler, escrever e falar a LP?; 5 - Para você a LIBRAS é... (referente a concepção de língua para o sujeito).

Com base nas respostas, identificamos que 50% dos entrevistados têm pós-graduação – Especialização; 25% têm Mestrado e 25% têm ensino médio completo. 75% são mulheres e 25% homens. Quanto ao nível de fluência em LIBRAS, 75% das respostas afirmou ser muito fluente na língua de sinais, assinalando na escala de fluência o item máximo (10) e os 25% assinalou como uma fluência mediana (5).

Em relação à concepção de segunda língua para os surdos, percebemos que, das respostas obtidas em relação a saber ler, escrever e falar a LP, 75% afirmaram que sabem ler, escrever e falar a LP, sendo que 25% só assinalou que sabe ler e escrever. Quanto à LIBRAS para o seu entendimento 75% afirmou que é a sua língua natural/materna e 25% disse que seria sua segunda língua.

## **6.2 Bloco 2: Reconhecimento de gêneros textuais**

Neste bloco, construímos análises a cerca da compreensão dos sujeitos no que se refere ao conhecimento sobre gêneros textuais e suas concepções. As respostas são alusivas às questões 6 e 7 (Você conhece o termo gênero textual – explique o que você entende sobre gênero textual.), respectivamente.

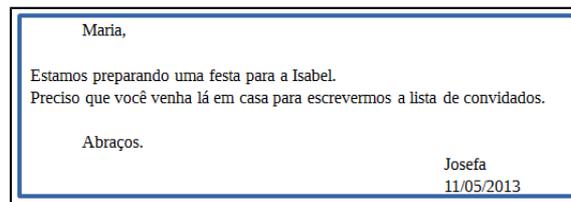
**S1:** Não sabe; **S2:** Sim “*Gênero textual são vários tipos de texto como carta, e-mail, redação, etc.*”; **S3:** Sim, “*É o tipo de texto. Por exemplo, é o jeito de escrever um texto e as regras. Exemplo numa carta tem que ter o nome da pessoa, data e um texto escrevendo o que quiser. E num jornal uma data, acontecimento, etc.*”; **S4:** Não sabe.

Como podemos perceber, na questão 4 do bloco 6.2, 100% dos sujeitos afirmam saber ler e escrever em LP, no entanto nas respostas obtidas nas questões 6 e 7, apenas 50% dos sujeitos conhecem o conceito de gênero textual. O que nos leva a refletir nos possíveis caminhos tomados na educação desses sujeitos. As análises dos blocos posteriores nos permite perceber que, embora 50% dos sujeitos não conheçam e não saibam conceituar o termo gênero textual, eles o reconhecem e sabem aplicá-los de acordo com a situação comunicativa a qual estão inseridos.

Então, de acordo com o conceito de letramento de Soares (2003), não se trata apenas de uma questão de leitura e escrita, mas de usar tais práticas para agir socialmente. Podemos então considerar que os sujeitos são demonstram diversos letramentos no que diz respeito ao uso dos gêneros que estão presentes em nosso cotidiano, pois o processo comunicativo está sendo realizado.

### 6.3 Bloco 3: Gênero bilhete e seus aspectos

No presente bloco, escolhemos trabalhar com a exposição do gênero bilhete. Foram apresentados diversos modelos do mesmo, para verificar o reconhecimento por parte dos sujeitos. Organizamos as perguntas e respostas em quadros, para facilitar a visualização dos leitores. Na primeira questão, pedimos para que realizassem a leitura de um bilhete, seguindo, perguntamos qual nome eles dariam para esse gênero textual, a justificativa para tal escolha, e também perguntamos algumas informações que estavam contidas no corpo do texto do bilhete (quem enviou e quem recebeu).



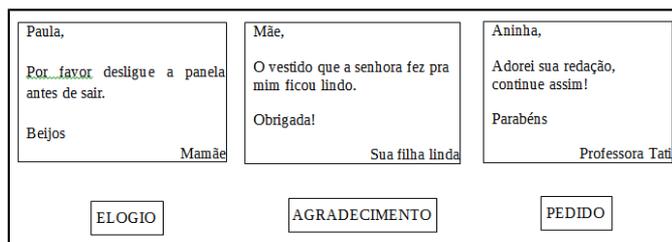
**Figura 1:** Bilhete do questionário

Analisando as respostas do sujeito S1 na primeira questão, ele não responde com o termo que nomeia o gênero, mas usa características físicas do texto para identifica-lo, “*cartaz borda*”, o que nos leva a entender que o mesmo identifica o gênero como um cartaz por causa de sua borda, fator decorrente da imagem utilizada, pois, se fosse por conta do conteúdo, talvez as respostas seguintes fossem satisfatórias, mas não é o caso, pois em relação às perguntas seguintes sobre o conteúdo do texto, sua resposta é correta, o que nos leva a compreender que, mesmo que ele não saiba nomear o gênero, ele compreende sua mensagem, função e consegue utilizá-lo. Sobre as respostas de S2, na primeira pergunta da questão ele aponta que é o gênero é “*Recado. Por que está enviando o recado para outra pessoa.*”, e também responde corretamente às demais perguntas sobre o texto. Assim como respondido em 6.1 referente ao conhecimento sobre os gêneros, o sujeito S2 nomeia, explica e também compreende a mensagem que está sendo passada.

Sujeitos S3 e S4 responderam que se trata do gênero convite. Embora essa resposta não seja a correspondente ao gênero exposto, refletimos que a maneira em que se deu a construção do texto, poderá ter implicado nas respostas dos sujeitos, pois, no corpo do texto continha informações que levavam a entender que podia tratar-se de um convite ao invés de um recado. Tal constatação foi feita depois de observarmos as semelhantes justificativas utilizadas por S3 e S4 na presente questão, sendo elas, respectivamente: “*É um convite. Por que está convidando uma pessoa.*”; “*Convite, por que chamar as pessoas.*”.

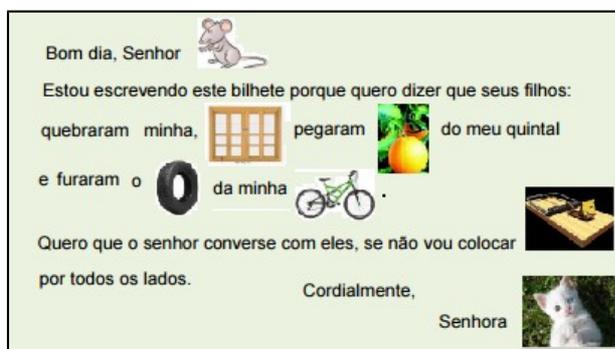
Todavia, as respostas sobre quem enviou e quem recebeu o bilhete, foram adequadas, e mais uma vez concluímos que, embora não tenha conhecimento sobre o termo para dar nome a tal gênero, e até mesmo que haja pequenas confusões na hora da identificação, a mensagem é compreendida.

No segundo questionamento, colocamos três tipos de bilhetes, sendo elogio, agradecimento e pedido. Pedimos para que eles ligassem a mensagem ao assunto.



**Figura 2:** Bilhetes e suas intenções usadas no questionário.

Após a leitura de cada quadro onde estava a mensagem, todos realizaram a tarefa de maneira satisfatória, tendo 100% das respostas adequadas. Dando continuidade, na questão três, apresentamos um bilhete em que seu texto algumas palavras eram substituídas por imagens. A tarefa consistia em trocar as imagens pelas palavras adequadas de modo que passassem a entender o recado por inteiro. Todas as palavras colocadas estavam em conformidade com os significados.



**Figura 3:** Bilhete com correspondência de imagem para palavra.

Neste momento, alguns sujeitos não lembravam a maneira como a palavra era escrita, apenas o sinal, foi o caso do sujeito S1 com a palavra rato, nesse momento, utilizamos o recurso da interpretação para auxiliá-lo, mas vale salientar que apenas mostramos a grafia da palavra que o surdo desejava escrever. Assim como o sujeito S3 que também não se recordou da palavra ratoeira, e respondeu usando a expressão “matador de rato”. Houve divergência também na identificação da imagem de uma fruta, o sujeito S1 respondeu limão, e os demais responderam laranja. Mesmo

diante dessas pequenas divergências, não houve nenhuma alteração no sentido, pelo contrário, a compreensão e realização da atividade deram-se de maneira tranquila e totalmente adequada.

Em suma, notamos que, embora algumas não tenham o conhecimento sobre o termo que denominamos gêneros textuais, todos o reconhecem pelo uso, de modo que notamos o uso de expressões ou palavras de significados semelhantes para explicar a função daquilo que está sendo apresentado. Na seção seguinte, apresentaremos análises feitas a partir da última questão de nosso questionário, na qual sairemos do gênero bilhete, e passaremos a tratar sobre o reconhecimento de outros gêneros.

#### 6.4. Bloco 4: Compreensão de gêneros diversos

Neste bloco final da análise, visando a perceber como se dava a compreensão dos sujeitos para com os gêneros que escolhemos na pesquisa, como já citado no item 5.2, apresentamos as respostas que foram dadas ao serem mostrados os gêneros textuais (escritos e orais) assim, mostramos as respostas em tabela para uma melhor visualização.

| Gêneros          | S1                           | S2            | S3                | S4                 |
|------------------|------------------------------|---------------|-------------------|--------------------|
| Bilhete          | “Apostila”                   | “receita”     | “convite”         | “convidado”        |
| Bula             | “Demócio papel vez”          | “orientação”  | “bula”            | “Decoita”          |
| Carta            | “Carta chegar ler assinar”   | “carta”       | “carta”           | “comunicado”       |
| Lista de Compras | “Supermercado ler lista”     | “Lista”       | “lista”           | “Decoita compra”   |
| Currículo        | “Draçir ler vez avaliar”     | “currículo”   | “Currículo rítas” | “Currículum rítas” |
| Placas de        | “Draçir vez dirigir parar”   | “Placa”       | “símbolos”        | “aviso”            |
| Receita          | “I ler fazer comida delicia” | “receita”     | “receita”         | “receita”          |
| Manual de        | “Televisão vez papel não”    | “apostila”    | “manual”          | “Apostila estudos” |
| Diada            | “niado”                      | “Diada rítas” | “comédia”         | “Humor (curdas)”   |
| Dialecto         | “Dialecto rítas”             | “dialecto”    | “artigo”          | “dialectante”      |

No primeiro gênero, percebemos um conflito entre as respostas dos sujeitos para o gênero bilhete mesmo tendo sido trabalhado exclusivamente como demonstra o subtópico 6.3 em relação ao gênero bilhete e seus aspectos. Podendo ser explicada tal disparidade na forma com que apresentamos a imagem do tema, que se apresentava em uma folha de caderno destacada, sendo a potencial motivação de S1 para afirmar ser “apostila”, e dentro do texto por mais que tivesse emissor, destinatário, fosse breve, tivesse saudação final e data.

Ao vermos as respostas de S1, por mais que não tenha nos dado o nome adequado ao gênero, percebemos que o mesmo consegue entender sobre o assunto e o gênero, como no caso da

bula, em que descreve “*remédio papel ver precisar*” que mostra assim a usabilidade da proposição do gênero que é de dar orientações para o tomar dos remédios, contendo posologia dentre outros elementos. Assim, sendo explicado tal fenômeno como também as respostas de S2 e S4, com “*orientação*” e “*receita medicamento*” respectivamente, além de S3 que respondeu adequadamente ao gênero.

Percebemos que todos os sujeitos responderam adequadamente aos gêneros carta, lista de compras, currículo e receita talvez pela proximidade. Já em placas de sinalização, percebemos que S3 e S4 apresentam “*símbolos*” e “*aviso*” respectivamente, sendo por nós considerados como adequados, por mais que estejamos perguntando os gêneros textuais usados, concebendo que sim, são imagens pictográficas de auxílio na comunicação, seja de trânsito, vigilância, e dentre outros, assim também sendo um aviso.

No gênero manual de instruções, percebemos que S1, por mais que não tenha colocado o nome do gênero, o descreve e compreende perfeitamente seu objetivo. S2 e S4 a caracterizam como “*apostila*”, que de certa forma também apresenta instruções para um determinado propósito, talvez sendo essa motivação para que os sujeitos a caracterizassem assim. E S3 respondeu adequadamente ao que mostrava o gênero, composto por instruções para o uso ou para a configuração de um aparelho. O sujeito mostra, assim, um entendimento em relação ao propósito comunicativo do gênero em questão.

Nos dois últimos gêneros que foram apresentados piada e palestra, sendo gêneros orais, foram apresentados em língua de sinais por vídeo, em que fizemos como experimento para averiguar o reconhecimento dos gêneros orais. Em que percebemos que todos responderam adequadamente às propostas apresentadas, por mais que S3 tenha respondido “*comédia*” para piada e “*artigo*” para palestra, mas não deixam de ser considerados dentro da margem de entendimento dos gêneros. Consideramos assim esses dados como indícios para pensarmos em novas possibilidades no que tange aos novos letramentos e as práticas sociais mediadas por gêneros textuais.

## **7. CONSIDERAÇÕES SEMIFINAIS**

Considerando nossas análises nesta pesquisa, podemos perceber o quanto alguns aspectos no que diz respeito à educação dos surdos são problemáticos, podemos inferir, que o apropriação dos gêneros que nos rodeia, se dá pela vivência cotidiana, e não dentro das salas de aula, assim como os sujeitos ouvintes em sua maioria. Os gêneros são reconhecidos e utilizados, embora alguns deles não reconheçam os termos e saibam conceituá-los. Tal constatação nos leva a refletir,

enquanto professores e pesquisadores, sobre as práticas para proporcionar uma eficácia no ensino-aprendizagem de língua, seja ela portuguesa ou de sinais, bem como meios para garantir além da alfabetização, o letramento dos sujeitos surdos. Devemos perceber com mais atenção as suas especificidades ao que diz respeito a aspectos visuais no ensino para surdos, como o caso da multimodalidade.

Acreditamos que ainda precisam ser feitas mais pesquisas com o objetivo de identificarmos melhores formas de podermos promover um ensino de qualidade para os sujeitos surdos. Dessa forma, deixamos nossas reflexões ainda incipientes para possíveis estudos posteriores não contemplados nessa pesquisa.

## 8. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 277-326.
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. [Tradução de Paulo Bezerra]. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DICIO. Dicionário Online de Português. **Comunidade**. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/comunidade/>> Acesso em: 15 Mai 2016.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- MOITA-LOPES, L.P.; ROJO, R.H.R. Linguagens, códigos e suas tecnologias. In: SEB/MEC (Org.). **Orientações Curriculares do Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEB, 2004, p. 14-59.
- QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. ArtMed: Porto Alegre, 2004.
- ROJO, R. H. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R. H; MOURA, Eduardo (Orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.
- SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004
- SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração da dissertação**. Florianópolis: LED/ UFSC, 2001.
- SOARES, Magda. **O que é letramento**. Diário do Grande ABC: Santo André, 2003.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Ed. da UFSC: Florianópolis, 2008.